



Enio Bergoli

Engenheiro Agrônomo do Incaper e Ex-Secretário de Estado da Agricultura

Comportamento da produção de leite no Espírito Santo no pós-seca

Dentre as principais atividades agropecuárias do Espírito Santo, a bovinocultura de leite é a única que ainda não recuperou os níveis de produção alcançados antes da última crise hídrica, que assolou o Estado desde o final de 2014 até 2017. O desempenho é negativo na produção, no número de vacas ordenhadas e, por consequência, na renda dos pecuaristas.

Presente em 17 mil estabelecimentos rurais capixabas, é o segundo arranjo produtivo mais presente no campo, após a cafeicultura. Gera receitas com periodicidade mensal e tem uma importância que vai além do aspecto econômico, sendo estratégica no campo social e alimentar. O leite é o único alimento que consumimos desde o nascimento até o final de nossos dias.

Segundo o IBGE, em 2014 a produção capixaba foi de 483,6 milhões de litros de leite, uma ótima média superior a 1,32 milhão de litros de leite produzidos todos os dias. A produção foi caindo nos anos seguintes, situando-se entre 371 a 374 milhões de litros anuais, nos anos de 2016 e 2017. Em 2018, houve uma pequena recuperação, atingindo 417,3 milhões de litros, volume inferior em 66,3 milhões de litros, em relação ao patamar de 2014. Nesse mesmo período, o número de vacas

ordenhadas caiu 43%, passando de 420,5 mil para apenas 239,8 mil.

Ainda dentro da porteira, a produtividade por vaca em lactação no Espírito Santo foi um dos poucos indicadores positivos. Apesar de o indicador capixaba ser inferior à média brasileira, saiu de 1.150 para 1.740 litros de leite/vaca ordenhada/ano, incremento de 51%, entre 2014 e 2018. Ou seja, os animais que permaneceram e aqueles que foram adquiridos para a recomposição do rebanho no pós-seca têm carga genética melhor. Por isso, a queda de produção não foi maior, diante da

“Dias melhores virão, se todos ‘ordenharem’ em sintonia”

drástica redução do total de vacas ordenhadas.

Os reflexos no pós-seca são diferenciados entre os municípios. Em Linhares, por exemplo, a produção de 2014 foi de 21,2 milhões de litros, volume que situou o município no segundo lugar estadual, atrás apenas de Ecoporanga. Em 2017, a produção de Linhares foi de apenas 9,7 milhões de litros, determinando a queda para a 11ª posição do ranking do Estado. Os dados municipais de 2018 ainda não estão

disponibilizados pelo IBGE, mas a situação melhorou muito pouco e Linhares está longe de voltar aos níveis de produção do passado, assim como a maioria dos municípios produtores.

No Espírito Santo, os entraves no setor de lácteos vão além das oscilações de preços e do comportamento das importações, preocupações típicas em nível nacional da pecuária como um todo. Devido ao volume atual da produção de leite, há ociosidade na indústria de laticínios do Estado, que gera custos e reduz a competitividade do setor. E,

apesar de alguns avanços, lideranças ainda citam imperfeições na tributação, tendo em vista que as plantas industriais produzem e comercializam de forma diferenciada nos mercados estadual e

nacional.

Diante desse quadro, o setor leiteiro capixaba precisa se reerguer e se reinventar num novo patamar tecnológico. Os desafios precisam ser superados por todos os atores dos diversos elos da cadeia agroindustrial, tendo em vista que ações e decisões devem ocorrer em todas as esferas de governança: dentro da porteira e fora da porteira, por entes públicos e privados. Dias melhores virão, se todos “ordenharem” em sintonia.